

DF - Educação

PELO DIREITO AO SABER

Mabel Cristina nasceu com paralisia cerebral. Com a parte motora muito comprometida, anda com bastante dificuldade. Também não consegue pronunciar as palavras direito. Mas ela se esforça para ser compreendida. E se preocupa em saber se aquilo que está falando é exatamente o que o seu interlocutor está ouvindo.

“Você entendeu?”, pergunta ao final de cada frase.

A adolescente de 18 anos tem urgência em ser compreendida. Afinal, há pouco tempo descobriu que existia vida um pouquinho além dos limites da chácara onde mora com a mãe. Vida, define, é a convivência diária com outros adolescentes, o carinho das tias, o

respeito da comunidade.

Mabel mal fala. Mal ouve. Mal anda. Enxerga bem. E raciocina com presteza. Há dois anos a menina agarrou como pôde a chance de frequentar uma escola. Hoje é uma das alunas mais aplicadas da Escola Rural Maria Teixeira, no setor de chácaras do Jardim Ingá, município de Luziânia.

“A escola é boa porque a gente aprende a ter educação, respeito, amor e utilidade”, balbucia a menina.

A vida de Mabel agora está comprometida. Não por causa da doença. Mas porque a escola pode abrir suas portas, no próximo dia 9, sem as turmas de terceira e quarta séries, ou seja, com menos 40 alunos.

Raimundo Paccó



Mabel Cristina: “Na escola se aprende a ter amor, respeito e utilidade”

Solução de desespero

A solução radical foi assim quase como que um paliativo. Essa foi fórmula encontrada por sua diretora, Silvana Patrícia de Vasconcelos, para que a escola, que atende pelo sistema integrado alunos do ensino excepcional e regular, não feche completamente as portas, deixando fora das salas de aula 75 crianças.

“A nossa situação é desesperadora e estamos tendo de optar entre fechar completamente ou fechar parcialmente”, explica Silvana.

Ninguém contou nada sobre as dificuldades da escola para a menina, que cursaria a terceira série, esse ano. Mas o jeito choroso das tias se encarregou de transmitir a mensagem de que alguma coisa vai muito mal.

À simples desconfiança de que a

escola pode fechar, Mabel chora. Um pranto sofrido que corta ainda mais o coração das tias e de quem estiver por perto. “Se a escola fechar vou ficar triste. Muito triste. Não sei o que vou fazer”, diz.

O choro da menina e a fisionomia transtornada das tias, a diretora e a vice-diretora, Silvana Patrícia e Maria do Socorro Silva, não apagam a triste realidade da instituição, inaugurada em 1994 e mantida pela Fraternidade Espírita São Francisco de Assis.

SERVIÇO

ESCOLA RURAL MARIA TEIXEIRA
Avenida J Meireles, chácara 24 - Gadipólis
Setor de Chácaras - Município de Luziânia
Doações pelos telefones 567-4735 (Silvana)
e 562-2356 (Socorro)